

UM «FLASH» DE VEZ EM QUANDO

JOSÉ CARDOSO PIRES

Esta nova secção de «Intervalo» foi-nos sugerida pelo jornalista brasileiro que há pouco esteve entre nós, João Condé. Ela porá em destaque uma figura portuguesa ou estrangeira, que por qualquer motivo se tenha evidenciado seja nas letras, nas artes ou em qualquer outro sector da vida artística portuguesa ou estrangeira.

Abrimos hoje com José Cardoso Pires. O acaso fez que seja um camarada de redacção. Com o facto nos congratulamos.

QUANDO apareceu a público «Caminheiros e outros contos», o livro de estreia de José Cardoso Pires, a crítica e o alvoroço com que a obra foi recebida, definiu desde logo o seu autor como um escritor de personalidade invulgar que largava — e isso com um à-vontade desconcertante — a senda dum realismo maquinal onde a «obra de arte» fosse quase abolida.

Com «Histórias de Amor», o seu segundo livro, vem agora José Cardoso Pires pôr de sobre-aviso aqueles que não vêem nas histórias de amor outra coisa que narrativas dolicodoces.

Mergulhando num ambiente e fazendo viver a acção desse ambiente, José Cardoso Pires, neste seu novo

livro, mostra em que medida pode o amor sofrer a influência de todas as raízes que dão vida ao sentimento humano.

«FLASH» SOBRE O AUTOR DE «HISTÓRIAS DE AMOR»

José Cardoso Pires nasceu há vinte e seis anos, de pequenos lavradores, na aldeia de Peso, onde o pão é duro de colher e a terra parece amaldicoada. Os homens nascem já fortes como pinheiros, como se soubessem já a faina para viver que os espera.

É baixo, mas forte. O rosto é todo em arestas. Tem os olhos claros, e é amigo do seu amigo. Nervoso

como poucos, exalta-se facilmente. Mas raramente a cólera «sai». Tem poucos amigos, mas os que tem defende-os encarnadamente ao mais pequeno ataque.

É ferozmente nacionalista sobretudo quando se trata de franceses. Mas o último livro que leu, e adorou, é do francês Roger Vaillant.

Não percebe nada de futebol, mas adora o «box». Quando assiste a um combate, berra e entusiasma-se como qualquer tipo da geral.

É o tipo do «resistente» nato.

Adora o bacalhau com batatas e dobrada à portuguesa. As suas bebidas preferidas são a cerveja e o «whisky».

Escreve de noite até altas horas, acompanhando o trabalho de alguma bebida. Em qualquer parte onde se encontre, tem sempre um telefonema para fazer.

Gosta de pintura moderna, e tem dois Deuses: Picasso na pintura e Cervantes na literatura.

Vai raramente ao cinema, mas gostava de colaborar num filme. Anda sempre atarefado, e quando menos se espera desaparece, para vos bater às três horas da manhã à porta. Tem dias em que se lhe não pode falar. Não está lá. Anda «envidraçado».



Tem um romance entre mãos: «As Pegadas e o vento», mas não lê o manuscrito a ninguém. É bom não lhe fazer mal, porque se vingará ferozmente. Os empregos com relógio de ponto não lhe convêm.

Tem gestos de garoto, mas é homem no pensar.

É aqui têm, «mais ou menos» José Cardoso Pires.

R.F.